



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**JOICE SILVA (2)**

**(depoimento)**

**2013**

## FICHA TÉCNICA

<b>ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE</b>
---

**Entrevistada:** Joice Silva

**Entrevistadora:** Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

**Local da entrevista:** Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes – Rio de Janeiro.

**Data da entrevista:** 22/03/2012

**Processamento da Entrevista:** Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Páginas Digitadas:** 7 páginas

**Número da entrevista:** E-484

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 05/10/2014

### **Informações complementares:**

#### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes intitulada *Mulheres de ouro: Trajetória e representações de atletas de lutas* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em fevereiro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

## **SUMÁRIO**

Trajetória na Luta Olímpica; Conquistas; Motivação; Relação com o público; Mídia; Possibilidade da Luta Olímpica ser retirada das Olimpíadas de 2020; Sonhos e frustrações em sua trajetória; Fonte de renda; Bolsa Atleta; Diferenças percebidas entre as modalidades masculina e feminina; Rotina de treinamento; Feminilidade e a prática de lutas; Mudanças no corpo atribuídas ao esporte; Significado da Luta Olímpica para sua vida.

V: Hoje me encontro novamente com a atleta Joice Silva, da seleção brasileira de Luta Olímpica. Joice, primeiramente, eu gostaria que você descrevesse a sua trajetória esportiva, desde a sua inserção até o momento atual.

J: Desde a minha inserção? Desde que eu comecei na Luta Olímpica?

V: Sim.

J: Eu comecei na Luta Olímpica com 19 anos. Vim do Jiu Jitsu, né, e... Uma equipe queria montar uma equipe feminina, a Universidade Gama Filho, no caso, queria montar uma equipe feminina de Luta e, como eu já uma noção do Jiu Jitsu, meu professor falou assim “Vai lá”. Vai ser bom pra, até pro Jiu Jitsu mesmo, pra saber algumas técnicas em pé. E eu fui lá pra treinar, pra ver se fazia parte dessa seleção. E fui e participei do Campeonato Carioca, né, o Estadual, carioca não, é o Campeonato Estadual do Rio de Janeiro e fui campeã. E sendo campeã do estadual, eu fui selecionada, né, classificada pro Brasileiro. E aí, em seguida, eu fui campeã brasileira. Então, na minha primeira competição de Luta Olímpica eu fui campeã brasileira. E aí eu fui e continuei, continuei conciliando o Jiu Jitsu com Luta Olímpica. Até que teve uma época que eu tive que optar porque já não dava pra mais pra treinar as duas coisas. E a Luta Olímpica me deu... Abriu várias oportunidades, assim, muito rápido, que foi a questão de viajar, competir internacionalmente, a bolsa de estudos na faculdade, né, por eu ser atleta da Universidade, eu pude ganhar bolsa de estudos. Então, eu acabei optando, né, pela Luta Olímpica e, principalmente, porque é um esporte olímpico. E desde cedo um tinha esse sonho, né, de ser atleta, de um dia poder participar de uma Olimpíada. E eu vim treinando, competindo desde então participando das competições internacionais, panamericanos. Hoje eu tenho... eu sou 13... 12 vezes campeã brasileira, contando, né, com esse ano de 2013.

V: Você está na modalidade há quanto tempo?

J: Desde 2001. No final do ano faz 12. Foi no finalzinho do ano.

V: Tem também as conquistas recentes...

J: Sim. O auge da minha carreira foram os Jogos Olímpicos, né. Me classifiquei pros Jogos de Londres. E esse ano, 2013, a gente começou com um Torneio Internacional na Bulgária. Fiquei em terceiro lugar lá. Depois veio o Campeonato Brasileiro, fui campeã brasileira. E agora estamos treinando pro Panamericano, Campeonato Panamericano de Luta Olímpica.

V: Estou vendo você com um cortezinho na boca...

J: Ah, isso é normal. O treino ontem foi bem puxado, né. É consequência.

V: O que te faz permanecer como atleta? O que te motiva a continuar?

J: É o sonho que eu sempre quis. Eu sempre quis isso pra minha vida, eu sempre quis ser atleta. E hoje eu vivo a realização desse sonho a cada dia. Eu sou atleta e isso me satisfaz. E o fato de estabelecer metas sempre, né. Ah, eu quero ser campeã Panamericana. A gente treina pra aquilo e aí passa. Aí você coloca... Ah, eu quero o Mundial. E a gente vai cumprindo essas metas, vai vivendo um dia após o outro.

V: E como você vê a relação do público com a Luta Olímpica? Se puder ser mais específica, com a Luta Olímpica feminina? O interesse, a participação nos eventos.

J: Eu vejo... Aqui no Brasil é diferente, né, porque não é um esporte popular. Então, numa competição aqui no Brasil a gente vê a família, os amigos, né, as pessoas envolvidas, assim, com a gente, com os atletas, com o meio, né. Agora, quando a gente viaja, está fora do Brasil, a gente vê que existe um público mesmo, né. Que independente de ter alguém conhecido ali lutando ou não, os estádios, os ginásios estão sempre cheios, as competições cheias, as pessoas torcendo mesmo, escolhe alguém pra torcer, torce, acompanha até o final. É bem bacana essa relação com o público.

V: E da mídia? Como que você vê o interesse da mídia pela Luta Olímpica, mais especificamente à participação das mulheres?

J: Aqui a mesma coisa, né. No Brasil e no mundo. Porque o Brasil tem uma relação diferente aí com a Luta Olímpica. No Brasil, acredito que a gente está mais em evidência devido aos resultados. As meninas têm trazido mais alguns resultados que o masculino. Então, eu acho que a Luta Olímpica feminina acaba estando um pouco mais em evidência. Agora no mundo não. No mundo, realmente, o masculino, né, é o assunto, está mais em evidência do que as mulheres mesmo. As mulheres têm uma ou outra, assim, que são mitos que não perdem nunca, estão sempre ali, né, são sempre notícia.

V: Em sua opinião... [interrupção]. Eh... na sua opinião, o que poderia ou deve ser feito no Brasil para que a Luta Olímpica seja mais valorizada, mais transmitida, mais assistida?

J: Ah, eu acho que a mídia em si divulgar, mostrar nossas competições, assim, acho que vai... Porque as pessoas não conhecem porque nunca viram, né. Não passa na televisão. Até que o último ano a SporTV transmitiu o Campeonato Mundial, transmitiu as finais do Campeonato Mundial que do ano passado era pré-olímpico, classificava pras Olimpíadas. Então, mas é um canal fechado, né, não é aquela... Eu acho, se nos canais abertos, naquele momento do jornal esportivo, se realmente fosse esportivo, né, porque na verdade é futebolístico, eles só falam de futebol a maior parte das vezes, porque o tempo das outras modalidades é mais reduzido. Então eu acho que o público conhecendo a Luta Olímpica já seria diferente.

V: E aí uma questão por fora: esse momento que a Luta Olímpica está vivendo da possibilidade de ficar de fora dos Jogos Olímpicos a partir de 2020. Como que isso está afetando e o que aconteceria caso isso se confirmasse?

J: É, o que aconteceria a gente tem suposições, né. Mas a gente ainda não sabe exatamente. Não posso afirmar: Ah, vai acontecer isso, isso e aquilo. Mas a gente pensa que... A gente tem o receio de não ser bom, de atrapalhar esse desenvolvimento, pelo menos, aqui no Brasil, né. A Luta já não é... Tá em crescimento. Então, pode ser uma coisa que... não sei. De repente pode não conseguir os clubes que estavam pensando em ter Luta Olímpica e, então “Ah, não. Então a gente não vai querer mais”. A gente não

sabe o que pode acontecer. Atualmente, o que está acontecendo... Na verdade, é mobilização nas redes sociais, na internet pra gente divulgar isso, que a Luta Olímpica é histórica, que a Luta Olímpica é igual, igual em relação a vários países. Ela não tem discriminação, não tem uma discriminação. Então, mas assim, as coisas continuam, a “luta” continua aí. As competições estão acontecendo no mundo todo. A gente não parou não, ninguém parou.

V: E qual foi, se aconteceu, um frustração no decorrer de sua carreira, e um sonho que você realizou ou que ainda quer realizar, relacionados à Luta Olímpica?

J: O sonho que eu já realizei foi participar das Olimpíadas. Outro sonho é aqui no Rio, em 2016, está ganhando uma medalha, ser campeã de preferência, né, medalha de ouro de preferência é o auge, é meu sonho máximo, assim, como atleta. E uma frustração, eu não me lembro de uma frustração não. Nada que frustrasse, assim. Pode ser qualquer decepçãozinha de derrota, né, mas que a gente nem tira como derrota não, a gente aprende, né. Tira como lição mesmo.

V: Hoje você vive só da Luta Olímpica? Sua renda é composta de quê?

J: Hoje, vamos dizer, a situação não mudou muito. Eu continuo com o Bolsa Atleta. O Bolsa Atleta é minha fonte principal. Eu não tenho patrocínio, um patrocínio próprio e tal. Mas, o fato de eu não ter um filho, de não ter que sustentar a minha família, isso aí também já alivia. Se a situação fosse outra, ia ser diferente, então. Mas pro que é, né, porque eu moro com a minha mãe, com meu irmão e meu sobrinho, eu consigo viver com o Bolsa Atleta só.

V: Sobre a modalidade, que diferenças você consegue perceber ou não entre a masculina e feminina? Uma delas foi comentada por você que é a diferença no Brasil e no mundo. E, em relação às regras, tem alguma diferença?

J: Então, o estilo livre masculino e feminino não existe diferença nenhuma na regra, é a mesma Luta, o mesmo treinamento. As técnicas também variam de pessoa pra pessoa, são as mesmas técnicas também. Varia de categoria também, o mais leve faz uma

técnica mais rápida que o mais pesado, sabe. Isso no estilo feminino também acontece, mas, é a mesma Luta, a mesma.

V: E como que é a rotina de treinamentos durante a semana?

J: São, basicamente, duas horas de manhã. O treino da manhã, duas horas e duas horas também o treino da tarde, com intervalo aí de almoço e descanso de umas duas horas um treino e outro. Aí alguns dias treina musculação, outros dias são preparação física e outros dias é a Luta, propriamente dita, as técnicas no tapete.

V: E nos dias de lutas ou que antecedem as lutas, o que muda no treinamento?

J: O que muda é em relação à minha concentração, o meu foco, né. Começo a eliminar qualquer coisa. Assim, penso só naquilo. Geralmente, eu já tô no meu local de competição um dia antes. Se for alguma competição internacional, a gente já tá no hotel, ali. E um dia antes eu tô preocupada é com o peso, perder peso, bater o peso, é (rsrs); é a alimentação, recuperar bem aquele peso perdido. Então, é assim o dia anterior à Luta.

V: Você acha que as exigências da modalidade corporais e técnicas elas interferem na sua feminilidade?

J: Ah, no momento do treino, ali encima do tapete, na Luta, interfere sim porque eu não posso ter o meu cabelo do jeito que eu quero, eu tenho que prender ele todo, senão pode me atrapalhar. Então, ali naquele momento da Luta a gente tem que deixar a vaidade de lado, né. A feminilidade ela aparece de outras maneiras, eu posso pintar a minha unha, eu posso fazer outras coisas, mas, ela é limitada, né. Não posso fazer o que eu quiser. Agora fora do treino, fora da competição não vai mudar em nada, não vai atrapalhar em nada.

V: Pra você, então, o que é ser feminina?

J: Ser feminina.... [longa pausa].

V: Na sua primeira fala você disse algo bem interessante. Disse que geralmente a feminilidade está ligada a delicadeza, aí você falou: Não, a mulher brava também é feminina.

J: Ah, é verdade...

V: Gostaria de acrescentar algo encima disso?

J: Não, tá bom. Tá tranquilo.

V: Em relação a sua feminilidade, na sua rotina diária, como que você percebe, se percebe, o olhar dos outros?

J: Ah, só em relação a ser musculosa, assim, mais definida que normalmente. Eu andando nas ruas as pessoas olham e, às vezes, perguntam: Você malha? O que você faz pra ter o braço definido, o braço forte? Então, mas é só por isso mesmo.

V: Sobre seu corpo. Você está satisfeita como ele é hoje?

J: Eu tô satisfeita sim.

V: E já quis ou gostaria de mudar algo?

J: Ah, tipo, eu poderia fazer isso ou aquilo, tal. Mas na realidade eu tô satisfeita sim.

V: E mudou algo em seu corpo que você possa atribuir à prática, aos treinamentos da Luta Olímpica?

J: Ah, não, aí mudou totalmente, né. O treino diário, o treino físico, tudo transforma seu corpo, mesmo. Deixa ele mais musculoso, mais forte. Então, meu corpo hoje, é com certeza, é por eu ser atleta, pela Luta Olímpica. Tenho meu treino diário, tenho barriga tanquinho... (rsrs).

V: É o sonho de muita gente...

J: É. Mas é só porque eu treino todos os dias mesmo.

V: Joice, antes de encerrar eu gostaria de perguntar o que a Luta Olímpica significa pra você.

J: Ah, a Luta Olímpica é o que eu escolhi pra minha vida, né, pra realizar meus sonhos de atleta, realizar meu sonho olímpico. A Luta Olímpica é meu dia-a-dia. Sabe, eu sou muito grata por ser atleta, principalmente, da Luta Olímpica. Luta Olímpica pra mim é onde estão os meus amigos, é a realização de sonhos, é, assim, a minha vida, graças a Deus.

V: Joice, é isso. Mas pergunto se você gostaria de comentar algo sobre o que a gente conversou ou sobre o que não conversou...

J: Acho que não. A gente falou um pouco de tudo, né.

V: Joice, brigada por ter complementado essas informações. Por me receber mais uma vez. Brigada mesmo.